A CONTRIBUIÇÃO DOS REFORMADORES PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Thiago Velozo Titillo
Graduado em Teologia
Professor na Faculdade de Teologia Wittenberg

Resumo: O presente artigo objetiva identificar como o movimento de reforma do século XVI, através de seus líderes, contribuiu para a educação, principalmente no tocante a ideia de escolas públicas para todos. Antes de abordar os principais feitos dos reformadores Martinho Lutero, Philip Melanchthon e João Calvino na área da educação, serão observados os fatores que contribuíram para a Reforma, a importância do humanismo e a decadência do ensino nas escolas medievais.

Palavras-chave: educação; ensino; renascimento; reforma; reformadores.

Abstract: This article aims to identify how the reform movement of the sixteenth century, through its leaders, has contributed to education, particularly as regards the idea of public schools for all. Before addressing the main achievements of reformers Martin Luther, Philip Melanchthon and John Calvin in education, will be subject to the factors that contributed to the Reformation, the importance of humanism and the decline of education in medieval schools.

Keywords: education; teaching; renaissance; reform; reformers.

Introdução

A Reforma religiosa do século XVI eclodiu municiada por uma série de transformações vivenciadas pela sociedade europeia da época. Quatro áreas, no entanto, merecem especial atenção: a política, a econômica, a social, e a intelectual. Pode-se afirmar acerca da Reforma, que sua semente "caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu" (Mc 4.8).

No campo político, o antigo conceito medieval de estado universal cedia lugar à ideia de nação-estado, que uma vez instituído, assumia um espírito nacionalista em oposição a qualquer governo religioso universal. Isso minou a prática feudal e fortaleceu os ideais de independência e soberania. Muitos destes estados tiveram interesse em apoiar a Reforma. Assim, poderiam manter algum controle sobre as igrejas nacionais, além de desvincular-se de Roma e das taxas impostas por seu clero.

O contexto econômico que precedeu a Reforma também foi estimulante. A agricultura era a base da economia europeia. Com o ressurgimento das cidades em 1500 e a abertura de novos mercados, inaugura-se uma era de comércio, onde a classe média mercantil assume a liderança da sociedade em detrimento da nobreza feudal. O comércio que era local se tornou internacional e o dinheiro passou a ser importante para uma economia capitalista emergente, que não demonstrava nenhum interesse na fidelidade a Roma (CAIRNS, 1995, p. 222).

O advento dos negócios de mercado proporcionou a migração de classes. Surgiu a classe média, inexistente na sociedade medieval, à medida que, também, ia-se desaparecendo a servidão. Isso abalou o antigo modelo social horizontal, onde o indivíduo estava fadado a morrer na mesma classe em que nascia (CAIRNS, 1995, p. 223). Os proprietários livres, a pequena nobreza da cidade e a classe mercantil – que formavam a classe média –, discordavam das restrições impostas pela Igreja ao comércio e à condenação do lucro e da usura. Tais restrições tornavam-se mais odiosas em virtude da ostentação do clero romano. O papa Pio II declarou aos seus cardeais em 1463: "Não temos credibilidade. O clero é objeto de escárnio. As pessoas nos acusam de vivermos no luxo, de acumularmos riquezas, de sermos escravos da ambição, de ficarmos com os melhores cavalos e mulas" (Apud BLAINEY, 2012, p. 168).

O Renascimento cultural e intelectual iniciado no século XIV, na Itália, estimulou a produtividade em diversas áreas, principalmente, na produção literária e artística. Robert Hastings Nichols diz do Renascimento: "Todas as faculdades da natureza humana foram maravilhosamente despertadas e todas as atividades humanas apresentaram extraordinário progresso. A mente humana fez novas e esplêndidas conquistas em todas as direções" (NICHOLS, 2004, p. 149). O espírito investigador característico do humanismo renascentista[1] possibilitou o questionamento de pressupostos aceitos com base na tradição. Todavia, é oportuno observar que o "humanismo da Renascença, no entanto, não era secular" (OLSON, 2001, p. 358).

Entre os estudiosos desse período encontram-se homens destituídos de vida religiosa e humanistas cristãos. Estes se distanciaram do escolasticismo e do pessimismo agostiniano acerca da natureza humana. M. James Sawyer (2009, p. 312) esclarece o significado do humanismo renascentista e suas vertentes secular e religiosa:

[1] "O espírito da Renascença pode ser resumido em uma só palavra: humanismo" (OLSON, 2001, p. 358).

> Para os ouvidos modernos, o termo 'humanismo' remete à cosmovisão que coloca a humanidade no centro de tudo e desconsidera todo pensamento acerca de Deus ou da revelação divina, como é refletido na conhecida expressão 'humanismo secular'. Contudo, nem sempre o significado foi esse. Quando surgiu, no início da Renascença, o humanismo era uma linha de estudo que enfatizava as humanidades (poesia, gramática e retórica), em contraste com a lei canônica. Era também um método de estudo. O brado era: *Ad fontes!* – 'De volta às fontes!'. Na Itália, envolvia o retorno às raízes clássicas gregas e romanas da civilização ocidental. No norte da Europa, o foco incidia sobre o retorno à primazia das Escrituras nas línguas originais e à sua autoridade sobre os teólogos e o escolasticismo reinante. Em resumo, o humanismo não era uma filosofia nem um conjunto de crenças. Era, na verdade, uma metodologia que primava pela *clareza de pensamento e pela eloquência de expressão*, baseadas na fonte original (*ênfase* original).

Desta forma, enquanto os humanistas do norte eram cristãos e se interessavam pelas línguas originais da Bíblia, os humanistas do sul intensificaram os estudos da literatura clássica e das línguas grega e latina. Nichols (2004, p. 150) capta bem a relação existente entre o interesse pela língua grega e o movimento de reforma da Igreja:

> A disseminação da língua grega contribuiu para que os homens lessem o Novo Testamento no original. Com jubiloso entusiasmo, que assinalou toda a pesquisa desses cultores das letras antigas, muitos humanistas [...] penetraram no estudo profundo do Novo Testamento. Ali eles, deslumbrados, viram face a face o ideal divino para a igreja cristã. E quando comparavam essa maravilha com o que contemplavam na Igreja ao redor de si, muitos desses humanistas tornaram-se reformadores destemidos.

O período renascentista é o período das descobertas geográficas[2] e científicas[3]. É o período das invenções[4]. É o período das ideias e do conhecimento. É o período onde o saber se espalha e o questionamento se faz. Como consequência inevitável, muitos clérigos passam a questionar as doutrinas e práticas romanistas. Nesse contexto, surgem os precursores da Reforma: John Wycliffe (c. 1328-1384), na Inglaterra, Jan Huss (c. 1373-1415), na Boêmia e Jerônimo Savanarola (1452-1498), em Florença, na Itália. Os dois últimos foram sentenciados à morte pela Igreja Católica Romana.

Dentre os humanistas cristãos, destacaram-se Johannes Reuchlin (1455-1522), Desidério Erasmo (c. 1466-1536) e John Colet (c. 1467-1519). Embora tal humanismo não

[2] Cristóvão Colombo descobre as Américas, e Pedro Álvares Cabral, o Brasil.

[3] Nicolau Copérnico propõe o heliocentrismo em lugar do geocentrismo, ou seja, afirma que os planetas giram em torno do Sol, negando que a Terra seja o centro do universo. Kepler aprimora a ideia, demonstrando a órbita elíptica das estrelas, e Galileu Galilei aperfeiçoa o telescópio. Na medicina, André Vessálio pesquisou o corpo humano através da dissecação de cadáveres, enquanto Miguel Serveto, médico espanhol – que posteriormente seria condenado à morte pela inquisição protestante pelo crime de heresia, com a participação de João Calvino –, descobre a pequena circulação do sangue ou circulação pulmonar pelas artérias, tendo sua descoberta completada por William Harvey, que percebeu o retorno do sangue ao coração por meio das veias.

[4] Em 1455, Gutemberg inventa a imprensa, tornando mais rápida a difusão das ideias. Tal invenção foi imprescindível à Reforma protestante. Além de espalhar com rapidez o pensamento dos reformadores pela Europa, a imprensa incentivou as traduções e a circulação da Bíblia.

fosse secular, sua visão mais otimista da natureza humana era vista com desconfiança por cristãos que temiam uma aproximação com o antropocentrismo secular, segundo o qual, a máxima do sofista grego Protágoras tornara-se certa[5]: "O homem é a medida de todas as coisas, das que são como são e das que não são como não são" (MARCONDES, 2010, p. 43).

Os reformadores reafirmaram a antropologia agostiniana em detrimento do otimismo humanista. Pode-se afirmar que o humanismo presente no movimento reformado, especialmente em João Calvino, consiste em reconhecer a dignidade do homem por ter sido criado à imagem de Deus.[6]

As consequências do Renascimento, não somente para a Reforma, mas também para a área da educação, foram incalculáveis. Isso se verifica pela disseminação das universidades e a expansão do conhecimento a um público cada vez maior.

A decadência das escolas medievais

As escolas das catedrais, surgidas no século XII, deram origem às primeiras universidades, como as de Paris, Oxford e Bolonha. O enfoque passou a ser a formação intelectual e profissional do indivíduo. Os estudantes faziam o curso de artes liberais. O grau de bacharel (*trivium*) incluía estudos de gramática, retórica e dialética. O grau de mestre (*quadrivium*) acrescentava estudos nas áreas de aritmética, geometria, música e astronomia. Havia ainda estudos avançados em teologia, medicina e direito (civil e canônico). Neste contexto surge o escolasticismo como tentativa de usar a razão em benefício da fé, numa síntese entre a filosofia e a teologia, introduzindo a lógica aristotélica na educação ocidental. Anselmo de Cantuária (c.1033-1109) e Tomás de Aquino (1225-1274) foram os principais representantes desse modelo (MATOS, 2008, p. 15).

Com a postura humanista frente ao saber, e as denúncias feitas pelos reformadores aos abusos da Igreja, as escolas e universidades dominadas pelo papado caíram em descrédito. O método escolástico era questionado. O "vinho novo" do humanismo renascentista e da Reforma protestante já não podia ser contido nos "velhos odres" do medievalismo católico. Por isso, houve grande deserção das universidades e escolas.

[5] A fonte dessa citação é o diálogo de Platão, *Teeteto* (l52a), onde tal concepção é criticada.

[6] Para uma análise mais aprofundada do reformador João Calvino como humanista, veja: COSTA, Hermisten Maia P. da. *A Reforma Protestante*. In: *O Pensamento de João Calvino*. São Paulo: Mackenzie, 2000, pp. 23-30; COSTA, Hermisten Maia P. da. *João Calvino: o humanista subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: *Fides Reformata 4/2*. São Paulo: CPAJ, 1999; COSTA, Hermisten Maia P. da. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006, pp. 17-22.

Erasmo responsabilizou Lutero pela evasão escolar: “Onde quer que prevaleça o luteranismo, aí desaparece o ensino” (Apud EBY, 1962, p. 558). O reformador, contudo, repassou a responsabilidade, culpando as autoridades, os pais, e o próprio Satanás, o maior de todos os inimigos do conhecimento. É importante observar que, antes mesmo da irrupção da Reforma, as escolas e mosteiros já experimentavam a decadência e a desconfiança popular, de maneira que Lutero não poderia ser o responsável pelo declínio escolar.

Não poucas acusações pesavam contra o teólogo de Wittenberg. Sua hostilidade em relação às universidades – geralmente, presas ao papado –, aos mosteiros, à filosofia aristotélica e à razão, criava o combustível necessário para que muitos o vissem como inimigo da educação. Mas apesar da linguagem forte usada em muitas ocasiões, faz-se necessário entender as afirmações de Lutero dentro do contexto no qual estava inserido.

> O último sermão de Lutero em Wittenberg passou para a história como uma invectiva clássica contra a razão, a “Meretriz do Diabo”. Mas esse não é, de modo algum, um ataque isolado contra a filosofia. Aqueles que se derem ao trabalho de examinar alguns dos índices das obras completas de Lutero, terão pouca dificuldade em encontrar referências a Aristóteles como “destruidor da sã doutrina”, um “mero sofista tergiversador”, um “inventor de fábulas”, “o filósofo fedorento”, um “bode” e um “pagão cego”. A lista poderia ser estendida. Este tipo de coisa fez com que Lutero conquistasse a reputação de irracionalista irresponsável (BROWN, 2007, p. 41).

Tal reputação não reflete a realidade. Na verdade, Lutero enfrentava um problema não muito diferente do que os cristãos enfrentam nos dias de hoje em sua trajetória acadêmica: “A filosofia fez com que a Bíblia se tornasse irrelevante, e a razão tomou para si o lugar da revelação” (BROWN, 2007, p. 42). Deve-se observar que o mau uso da razão não leva o homem ao conhecimento, mas para um porto ainda mais distante da verdade. Certamente o reformador alemão não mediu esforços para evitar que ele mesmo se perdesse nas elucubrações de sua própria razão. Pode-se concluir acertadamente que:

> Lutero não estava condenando a razão como tal. Ele mesmo a empregava com efeito poderoso. O verdadeiro alvo dos seus ataques era o abuso da razão, naquelas situações em que a filosofia tem negado a verdade da fé cristã. Para ele a razão tinha seu legítimo lugar na ciência e nas questões cotidianas. Tinha sua função verdadeira em entender e avaliar aquilo que era posto diante dela. Porém, não era o único critério da verdade (BROWN, 2007, p. 41).

Reformadores Educacionais Protestantes

Quando Lutero insistiu que a Bíblia deveria estar nas mãos do povo, ele não somente libertou a teologia do confinamento clerical, como também colocou diante do homem comum a possibilidade de ler, isto é, de ser alfabetizado.

Philip Melanchthon, cooperador de Lutero, foi responsável direto pela reforma escolar de cinquenta e seis cidades. Ajudou a reformar oito universidades e a fundar outras quatro, recebendo mais tarde a alcunha de "Instrutor da Alemanha".[7]

João Calvino não despiu o homem de sua capacidade intelectual, apesar de crer na total depravação da raça humana no que tange às coisas espirituais. O conceito de graça comum do reformador de Genebra permitiu que ele fizesse menção à amaldiçoada descendência de Caim, em seu Comentário de Gênesis, nos seguintes termos: "verdadeiramente, é maravilhoso que esta raça que tinha caído profundamente de sua integridade superaria o resto da posteridade de Adão com raros dons" (Apud COSTA, 2006, p. 20). Calvino não apenas valorizou o intelecto humano, acreditando em suas realizações na área científica, como também trabalhou intensamente em prol da educação.

A seguir, ter-se-á ocasião de melhor compreender a contribuição dos reformadores na área da educação.

Martinho Lutero

Martinho Lutero (1483-1546), em vários de seus escritos, toca na questão da educação. Contudo, aborda especificamente a questão em dois tratados: *Aos Conselhos de Todas as Cidades Alemãs, para que Criem e Mantenham Escolas* (1524) e *Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola* (1530) (KAYSER, 1995, p.297-363).

A importância do reformador alemão para a educação não é ignorada nem mesmo no meio secular: "A ideia de escola pública e para todos, organizada em três grandes ciclos (fundamental, médio e superior) e voltada para o saber útil nasce do projeto educacional de Lutero".[8]

Verdade é que o apreço de Lutero pela educação não poderia ser pequeno: foi professor universitário durante toda a sua vida. "Nessa condição, liderou e apoiou projetos de reforma dos estudos superiores tanto na Universidade de Wittenberg, como em outras universidades criadas sob a inspiração da *alma mater* da Reforma" (KAYSER , 1995, p. 300).

---

[7] SCHNUCKER, R. V. *Melanchthon, Philip*. In: ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. Vol. II (E-M).* 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. Reimpressão: fevereiro de 1992, p. 494.

[8] *Nova Escola Edição Especial nº. 10: Grandes Pensadores, v.2*, 2006, p. 28.

Em 1520, antes mesmo de formular seus dois tratados educacionais, Lutero propõe uma reforma nas universidades como parte de um programa de reforma geral da sociedade política em *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão* (1520) (LUTERO, 2000, p.277-340). Ele defende que a Bíblia deve ser diligentemente estudada nas escolas superiores e inferiores. Dentro da mesma proposta, os estudos das línguas e das artes liberais se fazem sumamente necessários. Os pais da Igreja só devem ser estudados naquilo que concordam com as Escrituras e a ela conduzem (KAYSER , 1995, p. 299).

Logicamente que, uma das maiores contribuições de Lutero à educação foi a tradução da Bíblia para o alemão. Em 1522 o Novo Testamento alemão foi publicado, refletindo a preocupação didática do reformador com seu povo, oferecendo-lhes no próprio vernáculo o texto que serviria de base para a Reforma.

A Bíblia alemã completa, contendo o Antigo e o Novo Testamento, foi um empreendimento que não ficou pronto antes de 1534, sendo que o reformador buscou refinar a tradução até o ano de sua morte, em 1546. Ao incentivar a leitura do texto Sagrado, incentivava igualmente à alfabetização e à leitura. Giles diz que "[...] a Bíblia de setembro de 1522 é uma fato de repercussões incalculáveis na história religiosa dos Estados germânicos, e também serve de base para todo um processo de alfabetização" (Apud COSTA, 2000, p.18).

Em sua primeira obra específica sobre educação, editada em 1524 sob o título *Aos Conselhos de Todas as Cidades Alemãs, para que Criem e Mantenham Escolas*,

> Lutero argumenta em favor dos estudos clássicos com vistas à formação de lideranças para a Igreja e o Estado. Increpando a omissão de bispos e príncipes, encarece a criação de escolas latinas aos governantes das cidades mais progressistas e sensíveis à Reforma. Contrapõe-se, assim, a ilações que vinham fazendo, como, por exemplo: para servir a Deus não é preciso ser monge, e se todo mundo dispõe da Bíblia em alemão, já não é preciso estudar grego e latim; basta saber ler e escrever o alemão. A carta esboça uma ética social teológica, ao caracterizar a educação como obra do amor cristão, que atende às necessidades individuais e coletivas dos seres humanos. Constitui-se em apologia e encômio dos estudos clássicos como o meio tanto para disseminar o Evangelho, como para habilitar as novas gerações a gerir os negócios tanto públicos como particulares (KAYSER , 1995, p.300).

É nesta obra que Martinho Lutero trata mais detalhadamente da questão da educação. Em determinado ponto, ele argumenta que a libertação das imposições financeiras do clero romano deve se tornar verdadeiro incentivo ao investimento na educação por parte dos cidadãos:

> Também cada cidadão deveria pensar o seguinte: Até agora dispendeu inutilmente tanto dinheiro e bens com indulgências, missas, vigílias, doações, espólios testamentários, missas anuais pelo falecimento, ordens mendicantes, fraternidades, peregrinações e toda confusão de outras tantas práticas deste tipo; *estando agora livres* dessa ladroeira e doações para o futuro, pela graça de Deus, que doravante doe, por agradecimento e para a glória de Deus, parte disso para a escola, para educar as pobres crianças, onde está empregado tão bem. Se não tivesse aparecido essa luz do Evangelho e não o tivesse libertado disso, teria sido obrigado a doar eternamente não menos que dez vezes isto ou mais [...], sem recompensa (*ênfase* acrescentada) (KAYSER , 1995, p. 305).

Lutero também critica audazmente os métodos de ensino da época. Segundo ele, ignorar os jovens capazes nas áreas da língua e da ciência, sem aproveitá-los para instruir a juventude, era o mesmo que "receber a graça de Deus em vão", ou "deixar passar desapercebido o tempo bem-aventurado" (KAYSER , 1995, p. 306).

Mas acima de tudo, o que realmente o incomodava era o estilo de vida imoral que os jovens estudantes levavam:

> Se as universidades e conventos continuarem como estão, sem a aplicação de novos métodos de ensino e modos de vida para os jovens, preferiria que nenhum jovem aprendesse qualquer coisa e que ficassem mudos. Pois é minha opinião séria, meu pedido e desejo que essas cocheiras e escolas do diabo mergulhem no abismo ou sejam transformadas em escolas cristãs (KAYSER , 1995, p.306).

O reformador educacional segue exortando os mais velhos à responsabilidade de educar os mais jovens, conforme mandamento divino:

> O *terceiro motivo* é, certamente, o mais importante, a saber, o próprio mandamento de Deus que estimula e exige com tanta frequência por meio de Moisés que os pais ensinem os filhos, como também diz o Salmo 78.5s [...]. Aliás, para que vivemos nós velhos senão para cuidar da juventude, ensinar e educá-la? Pois é totalmente impossível esperar que este povinho louco se instrua e discipline a si mesmo; por isso Deus os confiou a nós, os mais velhos e que sabemos por experiência o que serve para o bem deles, e, sem dúvidas exigirá de nós uma prestação de contas severa sobre eles. Por isso também ordena Moisés em Dt 32.7: 'Pergunta a teu pai, ele te informará; pergunta aos velhos, eles to dirão' (*ênfase* original) (KAYSER , 1995, p.307).[9]

Uma das grandes preocupações do pai da Reforma era o estudo das línguas alemã e latina: "Como prova e advertência disso tomemos por exemplo lamentável e assustador as universidades e conventos, nos quais não só se desaprende o Evangelho, mas também se

[9] "Em minha opinião, nenhum pecado exterior merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos" (KAYSER , 1995, p.307).

corrompe a língua latina e a alemã" (KAYSER , 1995, p.312).[10] O latim praticado nesse meio tinha má fama, sendo depreciativamente chamado de "latim de monge".

Por fim, Lutero recomenda que se façam investimentos para a criação e manutenção de boas bibliotecas:

> Por último, recomenda-se a todos aqueles que se interessam pela criação e manutenção de tais escolas e do estudo das línguas na Alemanha, que não se poupem esforços nem dinheiro para a instalação de livrarias ou bibliotecas, especialmente nas grandes cidades que tenham condições para tanto. Pois se quisermos preservar o Evangelho e todas as artes, há que registrá-lo por escrito em livros e ali deve ser fixado (como fizeram os próprios profetas e apóstolos, como dito acima). E isso não somente para que os príncipes espirituais e seculares tivessem literatura para ler e estudar, mas também para que os livros bons sejam preservados e não se percam juntamente com as artes e línguas que agora temos pela graça de Deus. Também São Paulo se aplicou muito a isso, ordenando a Timóteo que se dedicasse à leitura e que trouxesse o pergaminho deixado em Trôade (KAYSER , 1995, p.322).[11]

Em *Uma Prédica para que se Mandem os Filhos à Escola* (1530), o reformador exorta os pais acerca da responsabilidade que têm sobre a educação dos filhos, conforme já afirmara em outros escritos. No final do texto, ele acrescenta sua opinião sobre o papel das autoridades no dever dos pais de enviar seus filhos à escola:

> Em minha opinião, porém, as autoridades têm o dever de obrigar os súditos a mandarem seus filhos à escola [...]. Pois, na verdade é dever dela preservar os ofícios e estados supramencionados, para que no futuro possamos ter pregadores, juristas, pastores, escritores, médicos, professores e outros, pois não podemos prescindir deles. Se podem obrigar os súditos capazes a carregar lanças e arcabuzes, escalar os muros e outras coisas mais que devem ser feitas em caso de guerra, quanto mais podem e devem obrigar os súditos a mandarem os filhos à escola. Porque aqui se trata de uma guerra pior, a guerra contra o enfadonho diabo, cujo propósito é sugar solapadamente cidades e principados, esvaziando-os das pessoas capacitadas, até retirar o cerne, deixando apenas uma casca vazia de pessoas inúteis, as quais podem manipular e usar a seu bel-prazer (KAYSER , 1995, p.362).

Para Lutero, a guerra contra a ignorância é, em última análise, uma guerra contra um inimigo invisível, o diabo, cujo objetivo é privar as pessoas do conhecimento de maneira que se tornem facilmente manipuláveis.

As contribuições de Lutero à educação podem ser sumariadas nos seguintes pontos: 1) o rompimento com Roma como motivação à emancipação popular; 2) a tradução das Escrituras para a língua materna como possibilidade do povo comum ter contato com o texto Sagrado, motivando-os ao aprendizado da leitura; e, 3) colocar a escola sob a

[10] O reformador também trata da importância de se estudar as línguas bíblicas ((KAYSER , 1995, p.310-317).
[11] Lutero prossegue falando sobre a formação do Antigo Testamento através das cópias e da preservação dos antigos escritos somados àqueles produzidos posteriormente.

responsabilidade estatal juntamente com a constante exortação aos pais sobre o dever de conduzir seus filhos a ela.

Philip Melanchthon

Philip Melanchthon (1497-1560) foi uma das mentes mais brilhantes da Reforma protestante. Com quatorze anos formou-se bacharel em Letras pela Universidade de Heidelberg, recebendo o grau de mestre dois anos depois, pela Universidade de Tübingen (ELWELL, 1990, p. 494).

Em 1518 publicou uma gramática da língua grega: *Institutiones Grammaticae Graecae* [Rudimentos da Gramática Grega], usada por muito tempo como manual nas escolas elementares, secundárias e superiores. No mesmo ano, tornou-se professor de grego na Universidade de Wittenberg.[12] "Como erudito humanista, Melâncton perdia apenas para Erasmo, contudo em algumas áreas até o superava" (SAWYER, 2009, p. 317).

Em 1521, Melanchthon publicou *Loci Communes* [Lugares Comuns], o primeiro trabalho de sistematização das ideias luteranas. Devido à clareza de estilo e tom moderado, *Loci Communes* ganhou lugar de destaque e teve ampla circulação entre protestantes e católicos (ELWELL, 1990, p.494). Trata-se de uma das obras teológicas mais apreciadas da Reforma, superada em influência somente pelas *Institutas* de Calvino (SAWYER, 2009, p. 317). Ele também redigiu a primeira confissão luterana em 1530 – *A Confissão de Augsburgo* – e sua apologia no ano seguinte.

Em 1527, Melanchthon redigiu um documento que visava expor as diretrizes básicas para a renovação do culto, da pregação e do ensino. A publicação desses artigos à revelia do autor demonstrou a necessidade da publicação de um documento que retratasse a orientação oficial dos visitadores. Daí surge a *Instrução dos Visitadores aos Párocos*. O texto de Melanchthon foi discutido com seus companheiros de equipe: João Bugenhagen (1485-1558), Jorge Espalatino (1484-1545) e o próprio Lutero, que prefaciou o documento, publicado em 1528 (DREHMER, 2000, p.257-259). As ações concretas propostas para reformar o ensino são parte de um projeto mais amplo: renovar a vida comunitária.

Tais artigos foram promulgados como Regulamentos Escolares da Saxônia. Em virtude disso, Monroe diz que Melanchthon "tornou-se o fundador do sistema escolar do

[12] Foi também professor de hebraico (DREHMER, 2000, p. 258).

Estado moderno" (MONROE, 1976, p.180). Sua influência na reforma escolar se fez perceber em cinquenta e seis cidades. Doze universidades contaram com sua ajuda.

A contribuição de Melanchthon à educação não pode ser facilmente mensurada. Além de escrever numerosos livros didáticos para uso nas escolas, seus artigos tornaram-se lei. Philip Melanchthon pode ser considerado – com justiça – o "Ministro da Educação" de Lutero.

João Calvino

A proposta de João Calvino (1509-1564) para a educação era bem definida: formar cidadãos para exercer liderança na Igreja e no Estado. Ele queria

> que as crianças de Genebra viessem a ser úteis à sociedade, mas que suas mentes fossem formadas pelos ensinos das Santas Escrituras. Ele queria futuros cidadãos de Genebra bem preparados não somente na fé bíblica, mas também 'na linguagem e nas humanidades'. Por isso, ele dava uma ênfase primordial à educação voltada para a Escritura, bem como para as artes e as ciências. Ele queria cidadãos devidamente formados e formados de uma maneira completa, a fim de que pudessem assumir a liderança futura do mundo que os esperava (CAMPOS, 2000, s/p).

O reformador francês entendeu que, apesar dos pais e do governo também terem sua parte na obra da educação, esta deve ser entendida como tarefa prioritária da Igreja. Por isso, exigia que os ministros fossem bem treinados, a fim de dissipar a ignorância daqueles que estavam sob seus cuidados pastorais. Estava convencido de que o conhecimento das Escrituras era a única forma de se viver uma vida de fé realizada, considerando que a ignorância em todas as áreas era apenas um reflexo das trevas espirituais do povo genebrino.

Mas até mesmo para ser capaz de receber as instruções dos mestres, o povo precisava de um preparo de base. Calvino dedicou-se à educação das crianças. A Escritura deveria ser a base da educação até que as crianças chegassem à maturidade espiritual. Portanto, objetivou um ministério da Palavra bem treinado e apto para enfrentar a batalha contra a ignorância. Os mestres da Igreja deveriam exercer seu magistério nos colégios de Genebra, a fim de que os alunos se tornassem bons cidadãos. A função dos mestres e pastores na educação não era nova, pois seguia o antigo modelo educacional. O conteúdo do ensino, sim, era novo, bem como a pureza da teologia redescoberta.

A educação em Genebra recebeu grande impulso com a chegada de Calvino, em 1536. Antes disso, foram feitas algumas tentativas frustradas de fortalecer o ensino local. Em 1365, o imperador Carlos IV havia promulgado uma bula estabelecendo uma universidade

genebrina, mas o plano fracassou completamente. Só havia um colégio legalizado em Genebra – o Collège Versonnex, fundado em 1428-29 –, que tinha como objetivo formar clérigos. Mas muitas outras escolas funcionavam clandestinamente. Desta forma, apesar do pouco rigor acadêmico, o Collège Versonnex mantinha certo monopólio da educação em Genebra (CAMPOS, 2000, s/p).

Em 1536, Calvino apresentou ao Conselho Municipal de Genebra um plano educacional que incluía a criação de uma escola para todas as crianças, garantindo gratuidade para as crianças pobres. Seus esforços foram coroados com o Collège de la Rive, que no ano seguinte à sua fundação teve como diretor um velho professor de Calvino, Marthurin Cordier (1537).

Não demorou muito para que Calvino tivesse problemas em Genebra. Muitos dos burgueses que apoiaram a ruptura com Roma demonstraram resistência à autoridade eclesiástica de Calvino e de seu colaborador, Guilhaume Farel (1489-1565). Estes quiseram reformar os costumes mundanos do povo, mas o povo genebrino julgava que não havia expulsado seu bispo e vencido os saboianos para se dobrarem às vontades de intrusos franceses que queriam lhes ensinar como viver. A questão tornou-se insustentável quando o governo da cidade quis intervir nas questões eclesiásticas sobre a participação na Ceia do Senhor e a excomunhão. Calvino recusou-se a oferecer o sacramento aos "libertinos", julgando necessário excomungar os pecadores impenitentes. O resultado foi o exílio no ano de 1538 (GONZÁLEZ, 1995, p.114; DANIEL-ROPS, 1996, p.378-379).[13]

> Com a sua saída, a causa educacional sofreu um golpe mortal e o Collège de la Rive quase foi à falência. Somente foi reerguido com o retorno de Calvino a Genebra em 1541. 'Assim, o Collège de la Rive foi revivido para continuar as suas atividades por outros dezoito anos'. Foi, portanto, no exílio de Estrasburgo que as ideias educacionais de Calvino amadureceram (CAMPOS, 2000, s/p).

Outras quatro escolas foram organizadas em diferentes regiões de Genebra a fim de evitar a superpopulação do Collège Versonnex. Inicialmente era cobrada uma pequena taxa, que foi abolida em 1571 pelo conselho municipal, a pedido de Teodoro Beza (1519-1605), sucessor de Calvino. Foi também na época de Calvino que surgiu uma escola para meninas, na casa de Pierre Joly. As pequenas escolas para crianças eram mal administradas. Calvino percebeu a necessidade de reformar tais escolas, mas os conflitos que ele enfrenava na cidade o impediram naquela ocasião. Somente em 1558 surgiu a oportunidade que Calvino esperava

[13] Em 1540, o Conselho Geral de Genebra percebeu que seu ex-pastor estava certo: a imoralidade e os vícios do povo começaram a trazer problemas de ordem social. O edito de banimento de 1538 foi revogado e Calvino convidado formalmente para regressar. Após insistentes pedidos, retornou a Genebra em 1541.

para reformar o sistema educacional e abrir sua escola-modelo. As escolas foram reorganizadas, ficando sob a reponsabilidade dos pastores das quatro paróquias onde funcionavam.

No primeiro estágio – classe 7 – os alunos passavam do alfabeto à leitura fluente do francês, e iniciavam o estudo do latim. Na classe seguinte, aprofundavam seus estudos em latim. Virgílio, Ovídio e Cícero eram estudados posteriormente. Somente na classe 4 começavam os estudos da língua grega. Das classes 3 a 1 liam abundantemente latim e grego. Aos sábados ouviam a leitura do Novo Testamento grego, e recebiam noções de retórica e dialética com base nos textos clássicos. Diariamente, das onze horas ao meio-dia, dedicavam-se ao exercício devocional de cantar os Salmos em francês. A educação oferecida em Genebra refletia o humanismo religioso de Calvino. "Não é sem razão que, diante da sua capacitação no latim, se dizia que 'meninos de Genebra falavam como os doutores da Sorbonne'" (CAMPOS, 2000, s/p).

A preocupação de Calvino com a educação decorria da sua visão cristã de mundo. Entre os pontos da sua teologia que o impulsionava à missão como educador, havia a concepção da *imago Dei* no homem, conforme observa Héber Campos (2000, s/p):

> Em sua teologia sobre a imagem de Deus no homem, Calvino viu o ser humano como um ser que aprende inerentemente. Deus depositou no ser humano 'a semente da religião' e também o deixou exposto à estrutura total do universo criado e à influência das Escrituras. Por causa dessas coisas, qualquer homem podia aprender, desde o mais simples camponês ao indivíduo mais instruído nas artes liberais.

Decorrente da convicção de que Deus estende sua graça [comum] sobre toda a humanidade, e que o homem, criado à imagem de Deus, tem em si mesmo as capacidades intelectuais de cognição, sendo capaz de entender e transmitir o conhecimento recebido, Calvino dispunha de uma visão ampla da cultura. Para ele toda verdade é verdade de Deus. Comentando o texto de Tito 1.12, Calvino diz do poeta pagão Epimênides (CALVINO, 1998, p. 318):

> Desta passagem podemos inferir que é supersticioso recusar-se fazer qualquer uso de autores seculares. Porque, visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?

Para Calvino, os efeitos da Queda foram terríveis, corrompendo todas as áreas da natureza humana: espírito, mente, vontade, sentimentos e o próprio corpo. Essa doutrina ficou

conhecida como *depravação total*. A ideia constante na doutrina seria melhor traduzida pela expressão "depravação integral", uma vez que não significa que o ser humano é tão depravado como poderia ser, mas que não há esfera no homem que não tenha sido atingida pelos efeitos do pecado. Essa depravação é extensiva, e não intensiva. A imagem de Deus no homem foi desfigurada pela Queda, mas não apagada. Apesar da incapacidade humana de praticar qualquer bem espiritual per si, ele não é incapaz de fazer qualquer bem social ou familiar. Hooykaas diz de Calvino: "ele era um humanista talentoso e realista demais para aceitar que a Queda tivesse levado o homem a uma depravação no campo científico" (Apud COSTA, 2006, p.20).

Desprezar a mente secular é desprezar os dons e talentos oferecidos por Deus indistintamente a toda humanidade. Comentando o texto de Gênesis 4.20, após exaltar a amaldiçoada descendência de Caim pelos dons criativos recebidos de Deus, afirma que Moisés registrou isso para ressaltar a graça divina sobre eles, visto "que havia entre os filhos de Adão homens trabalhadores e habilidosos, que exerceram sua diligência na invenção e cultivo da arte". Por isso, as "artes liberais e ciências chegaram a nós pelos pagãos. Realmente, somos compelidos a reconhecer que recebemos deles a astronomia e outras partes da filosofia, a medicina e a ordem do governo civil" (Apud COSTA, 2006, p. 20).

Em suas *Institutas*, o reformador apresenta o uso da inteligência e da razão para o conhecimento das "coisas do mundo" ou "coisas inferiores":

> Para que a ordem da nossa discussão proceda conforme a distinção que apresentamos, na qual dividimos a alma humana em inteligência ou entendimento e vontade, devemos verificar primeiro que poder há na inteligência. Dizer que ela é tão cega que não lhe resta nenhum conhecimento quanto às coisas do mundo seria contrário, não somente à Palavra de Deus, mas também à experiência comum. Porque vemos que no espírito humano há certo desejo de pesquisar a verdade [...] Todavia, quando o entendimento humano se esforça nalgum estudo, não trabalha tão inutilmente que não tenha algum proveito, principalmente quando se volta para as coisa inferiores. E nem é tão tolo que não tenha gosto, ainda que pequeno, pelas coisas superiores, se bem que se aplica negligentemente a buscá-las. Mas não possui faculdades paralelas para aquelas e para estas. Porque, quando quer se elevar acima da vida presente, logo fica principalmente convencido da sua imbecilidade. Portanto, para que o homem possa compreender melhor até que nível pode elevar-se nalgum tipo de conhecimento, devemos fazer uma distinção (CALVINO, 2006, p. 103).

A fim de não criar nenhuma confusão sobre as categorias das coisas que o homem pode atingir pelo uso da inteligência, Calvino faz importante distinção entre coisas "terrenas" e coisas "celestes":

> Chamo de terrenas as coisas que não chegam a tocar em Deus e em seu reino, nem na verdadeira justiça e na imortalidade da vida futura, mas estão ligadas à vida presente e quase encerradas sob os limites desta. Chamo celestes as coisas que constituem a norma e a razão da verdadeira justiça e os mistérios do reino celestial. Sob a primeira espécie contam-se: a doutrina política, a maneira de governar bem a casa, as artes mecânicas, a filosofia e todas as disciplinas chamadas liberais. À segunda pertencem o conhecimento de Deus e da sua vontade, e as normas pelas quais o homem pode conformar sua vida à vontade de Deus (CALVINO, 2006, p. 103-104).

Calvino conclui que a corrupção da natureza humana pelo pecado não anula os dons de Deus sobre o homem, coroa da criação divina. São "graças naturais":

> [...] coisas comuns a bons e maus, podemos reputá-las como graças naturais. Portanto, quando vemos em escritores pagãos essa luz da verdade que transparece em suas obras, devemos estar advertidos de que a natureza do homem, conquanto havendo perdido a sua integridade e se tornado grandemente corrupta, não deixa, entretanto, de ser ornada por muitos dons de Deus (CALVINO, 2006, p. 105).

Não é de estranhar, à luz das convicções teológicas de Calvino, que ele tivesse seu coração voltado para a educação da população de Genebra. Desde 1541 encontramos registros da preocupação diária que tinha em dar a Genebra uma universidade. No entanto, os recursos da República eram pequenos para isso.

> Em Estrasburgo, durante os anos de 1538-1541, ele estava numa cidade em que a escolarização era uma prioridade suprema e em que alguns dos maiores especialistas em educação daquele tempo estavam trabalhando. Portanto, ele retornou a Genebra em 1541 com planos muito mais abrangentes, os quais ele indicou nas ordenanças que, então, submeteu ao Concílio. Não apenas as escolas existentes deveriam ser incrementadas, mas uma 'faculdade' deveria ser estabelecida com vistas a 'preparar nossos jovens' tanto para 'o ministério quanto para o governo civil' (WALLACE, 2003, p. 87).

A despeito do seu desejo, Calvino teve que esperar bastante tempo até que sua faculdade fosse fundada. Somente quando as controvérsias com seus oponentes findaram em 1557, foi possível agir em favor da realização do sonho de implantar uma faculdade genebrina. No ano seguinte um comitê foi nomeado e um lugar escolhido. Os recursos vieram da condenação de Ami Perrin – líder do partido dos libertinos – e seus aliados, em processo que correu numa corte neutra na Basileia. Com as propriedades de Perrin leiloadas e o esforço público, com contribuições de ricos e pobres, tornou-se possível a concretização do ideal (WALLACE, 2003, p.88).

Não foi possível a organização de uma universidade com todas as faculdades, mas Calvino conseguiu padrão de excelência no ensino. Após problemas entre as autoridades e a

faculdade de Lausanne, muitos dos seus renomados professores, dentre esses Pierre Viret (1511-1571) e Teodoro Beza, foram para Genebra.

> Em cerimônia formal, uma grande assembleia reuniu-se na Catedral de Saint Pierre no dia 5 de junho de 1559, para dar início à solenidade de inauguração da Academia de Genebra, sob os auspícios das autoridades genebrinas. Parece que toda cerimônia foi presidida por Calvino. Ele invocou a bênção de Deus sobre a instituição nascente, que foi dedicada para sempre para o estudo das ciências e da religião. Todavia, o principal discurso foi proferido em latim por Beza, que ali foi proclamado reitor, destacando de maneira erudita os pontos altos da história da educação e congratulando-se com a cidade de Genebra por tão importante empreitada (CAMPOS, 2000, s/p).

"Ao apontar Beza como líder, ele [Calvino] escolheu um humanista conhecido internacionalmente e um homem das letras que escrevia e amava poesia e já havia publicado uma peça" (WALLACE, 2003, p. 89).

A Academia de Genebra oferecia duas seções. As crianças eram trinadas até os dezesseis anos na *Schola Privata*, com sete séries nas quais os alunos aprendiam grego, latim e dialética, além de estudar Virgílio, Cícero, Ovídio, César, Isócrates, Lívio, Xenofontes, Políbio, Homero e Demóstenes. Como continuação dos estudos, havia a *Schola Publica*, que fornecia os estudos de nível superior. Os alunos tinham que frequentar vinte e sete horas semanais de preleções públicas. Eram oferecidas as disciplinas de Teologia, Hebraico, Grego, Poesia, Dialética e Retórica, Física e Matemática (WALLACE, 2003, p. 88).

A Academia contava com seiscentos alunos em sua abertura, recebendo um acréscimo de mais 300 no primeiro ano, vindo de todas as partes da Europa. Professores e alunos famosos passaram por lá

Na mente do reformador, não havia qualquer conflito entre fé e ciência. Ao contrário da visão educacional escolástica, Calvino considerava que o estudo da ciência física tinha como propósito descobrir a natureza e seu funcionamento, pois Deus se revelava à humanidade por meio das coisas criadas, da natureza (a revelação geral). As Escrituras deveriam ser cuidadosamente estudadas, pois é a revelação especial de Deus aos homens.

> Em 1564, a Academia genebrina não contava menos de mil e duzentos alunos no conjunto dos seus colégios secundário e mais trezentos estudantes de grau superior. O seu papel foi considerável. O protestantismo deve-lhe a glória de ter constituído com muita rapidez um corpo pastoral dotado de grande cultura; e Genebra tornou-se o viveiro que Wittenberg não soubera ser, simultaneamente centro de formação de missionários da Reforma e escola superior para a elite protestante. Apenas os colégios jesuítas rivalizaram com esta Universidade quanto à qualidade dos mestres e dos métodos, devendo-se sublinhar ainda que a matriz dos colégios inacianos, o 'Colégio germânico' de Roma – hoje Universidade Gregoriana –, foi fundada em 1551, oito anos antes do de Genebra, a cujo exemplo, por conseguinte, nada

> deveram... A prestigiosa criação de Calvino não contribuiu pouco para aureolá-lo de glória e para fazer da sua cidade um dos faróis do Ocidente (DANIEL-ROPS, 1996, p.413-414).

A Academia de Genebra tornou-se modelo para outras escolas da Europa. Os conceitos educacionais do reformador de Genebra influenciaram algumas das principais Universidades do Ocidente, tais como as de Harvard, Yale e Princenton.[14] Seu humanismo bíblico tornou possível a elaboração de um currículo com ênfase nas artes, ciências e nas Escrituras. Sua insistência por melhorias no ensino junto aos Conselhos de Genebra e o sucesso que obteve na reforma educacional da cidade testemunham em favor da sua importante contribuição à educação. O legado educacional de João Calvino permanece até os dias de hoje.

Considerações finais

É possível notar que o movimento de Reforma iniciado no século XVI objetivava mais do que reformar a Igreja, purificando suas doutrinas e práticas: havia no coração dos reformadores um profundo desejo de reformar a sociedade, e esta tarefa só seria possível através da educação.

Por isso, os reformadores se preocuparam com o ensino teológico e científico: o objetivo era a formação de homens capazes de atuar com competência na Igreja e no governo secular.

A insistência na educação como tarefa prioritária da Igreja, sem, no entanto, eximir a família e o Estado dessa obra, mostrou-se verdadeiramente eficaz. Tal perspectiva reflete o ensino das Escrituras.

Pode-se observar que a preocupação dos apóstolos com o ensino doutrinal e moral – como se vê nos Atos dos Apóstolos e nas epístolas – tem origem no ministério do Senhor Jesus e no seu mandamento aos discípulos. Suas parábolas e histórias sempre traziam um ensinamento doutrinário ou moral. E a ordem do Senhor ressuscitado foi: “fazei discípulos de

[14] “A partir do século 17, os calvinistas levaram para a América do Norte a sua fé e as suas instituições. Os puritanos da Nova Inglaterra foram importantes pioneiros ao fundarem em 1636, em Massachusetts, o Harvard College, do qual derivou a famosa universidade. Em 1701, os puritanos de Connecticut criaram o Yale College, hoje a grande universidade sediada em New Haven. Por sua vez os presbiterianos, ou seja, calvinistas de origem escocesa e irlandesa, radicados majoritariamente nas colônias centrais da costa leste americana, fundaram em 1746 o Colégio de Nova Jersey, que deu origem à Universidade de Princeton. No século seguinte, quando a Igreja Presbiteriana do Estados Unidos se uniu ao grande movimento missionário mundial, levou consigo essa ênfase educacional para todos os países em que atuou através de seus missionários” (MATOS, 2008, s/p).

todas as nações, [...] ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.19-20).

A Bíblia passou a ter lugar nas salas de aula da Alemanha. A tradução de Lutero da Bíblia gerou um grande interesse no povo. Sua leitura, no entanto, exigia a alfabetização. Isso aumentou o interesse pelo estudo da língua alemã.

A preocupação de Lutero com a educação das crianças pobres recebeu especial atenção do seu companheiro Melanchthon. Um dos motivos da revolta armada dos camponeses, reprimida pela força em 1525, foi a insatisfação da classe mais pobre com o ensino escasso e ineficaz oferecido pela Igreja. Nesse ponto, Melanchthon apresentou propostas objetivas para reformar o ensino, resultando na criação de um sistema de escolas públicas, posteriormente copiado em quase toda Alemanha.

O espírito humanista de Calvino proporcionou uma educação de qualidade para as escolas de Genebra. A proposta de ensino gratuito para crianças pobres, a renovação do currículo escolar, e a criação da Academia de Genebra coroam o teólogo francês como grande reformador educacional.

Do que foi exposto, observa-se que a ideia de uma educação de qualidade para todos, voltada para o saber útil, estava na mente dos grandes líderes da Reforma. Assim, pode-se afirmar que a criação de uma rede pública de ensino nasceu do projeto de líderes religiosos, comprometidos com Deus, que buscaram reformar a sociedade da sua época por meio da Palavra e da educação.

Referências bibliografia

BÍBLIA. Língua Portuguesa. *Bíblia de Estudo de Genebra.* Almeida Revista e Atualizada. 2 ed. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do cristianismo.* 1. ed. São Paulo: Fundamento Educacional Ltda., 2012.

BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã v. 1: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____. *As Pastorais.* 1. ed. São Paulo: Paracletos, 1998.

CAMPOS, Heber Carlos. *A "filosofia educacional" de Calvino e a fundação da Academia de Genebra*, In: Fides Reformata 5/1. São Paulo: CPAJ, 2000.

COSTA, Hermisten, *Pensadores cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006.

_____. *João Calvino: o humanista subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento*. In: *Fides Reformata 4/2*. São Paulo: CPAJ, 1999.

DANIEL-ROPS. *A Igreja da Renascença e da Reforma. I. A Reforma protestante*. São Paulo: Quadrante, 1996.

DREHMER, Darci (Editor). *Martinho Lutero: Obras Selecionadas, v.7*. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 2000.

EBY, Frederick. *História da Educação Moderna*. Porto Alegre: Globo, 1962.

ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. Vol. II E-M*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. Reimpressão: fevereiro de 1992

GONZÁLEZ, Justo L. *E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo. V. 6. A era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KAYSER, Ilson (Editor-geral). *Martinho Lutero: Obras Selecionadas, v.5*. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1995.

LEMBO, Cláudio (apresentação). *O Pensamento de João Calvino*. *Série Colóquios; v. 2.* São Paulo: Mackenzie, 2000.

LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas, v. 2, O Programa da Reforma – Escritos de 1520*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história da educação cristã*. In: *Fides Reformata XIII, Nº 2*. São Paulo: CPAJ, 2008.

_____. *Os Presbiterianos e a Educação*. In: <http://www.mackenzie.br/10243.html> Acesso em 27 de novembro de 2012

MONROE, Paul. *História da Educação*. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

NICHOLS, Robert Hasting, *História da Igreja Cristã*. 12. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

Nova Escola. A Revista de quem educa. Edição Especial nº. 10: Grandes Pensadores, v.2. São Paulo: Fundação Victor Civita; Editora Abril, 2006.

OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. São Paulo: Vida, 2009.

WALLACE, Ronald. *Calvino, Genebra e a Reforma: um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.